

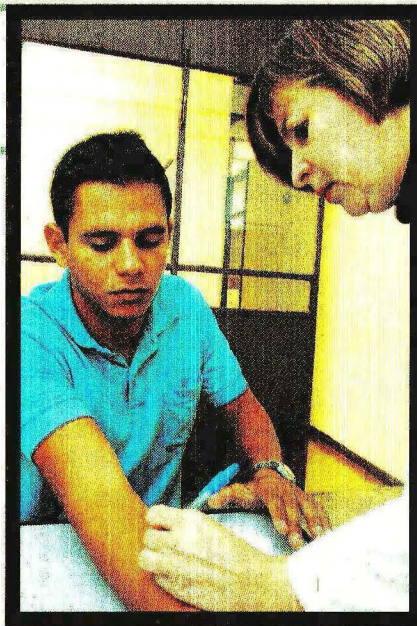
Leishmaniose no Entorno

No ano passado, as cidades de Paracatu (MG) e São Sebastião (DF) sofreram epidemia de leishmaniose tegumentar – que causa erupções na pele. Comum em áreas de mata, a doença se urbanizou em todo o país. Apenas Rio Grande do Sul e Santa Catarina não apresentaram casos urbanos até o momento. A doença é transmitida pela picada do mosquito flebótomo, portador do protozoário leishmania. O inseto adquire a doença ao sugar sangue de um mamífero doente.

Este ano, Belo Horizonte apresentou o tipo mais forte da doença. A leishmaniose visceral ataca os órgãos do corpo e pode levar à morte. “A capital é a nossa maior preocupação no momento. Não tínhamos ocorrência da doença na cidade”, afirma o diretor do Departamento de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde, Expedito Luna. O ministério trabalha com a observação da população canina da cidade para detectar o foco da doença. Os animais que apresentaram sorologia positiva foram sacrificados.

Os 117 casos de Belo Horizonte não são os únicos ocorridos em cidade e identificados pelo governo federal. Em Campo Grande (MS), 104 pessoas também foram vítimas da leishmaniose visceral. Araçatuba (SP) e Palmas (TO) têm 37 e 33 registros, respectivamente. Quando houve o surto em São Sebastião (DF), a equipe do Hospital Universitário de Brasília (HUB) atendeu 17 casos. Até hoje continuam aparecendo casos isolados. A investigação é resultado da pesquisa de Cláudia Porto, da Faculdade de Medicina da UnB. “Fizemos registro também de pacientes vindo do Lago Sul, Núcleo Bandeirante e Planaltina”, diz a dermatologista Raimunda Nonata Ribeiro Sampaio, especialista em leishmaniose do HUB.

O policial militar Geraldo Pereira da Silva Filho, 25 anos, está há um mês sem fazer as atividades que mais gosta — natação e corrida — por causa de uma ferida na perna. A demora no diagnóstico e o avanço da doença aumentaram a erupção cutânea que está com dois centíme-



**GERALDO PEREIRA SÓ
DESCOBRIU QUE TINHA A
DOENÇA APÓS EXAMES**

dade dos remédios. No combate à leishmaniose utiliza-se a meglomina. A droga descoberta há mais de 30 anos é injetável, o que dificulta a aplicação, principalmente em regiões de difícil acesso como muitos municípios da Amazônia Legal. Até hoje não foi produzido um medicamento menos tóxico e de fácil administração.

“É doença de população de baixa renda, os laboratórios não têm inte-

tores de diâmetro. Na semana passada, Geraldo foi ao HUB fazer o teste de reação e descobriu que estava com a doença. “Fui a vários médicos antes e ninguém conseguia dizer o que era”, reclama. Geraldo começa hoje o tratamento, mas já foi avisado pela equipe do HUB que a medicação é forte e tem efeitos colaterais.

Os mecanismos de controle ainda são difíceis de serem administrados devido ao risco de toxi-

resse nela”, afirma o professor Gustavo Romero, pesquisador no Núcleo de Medicina Tropical (NMT) da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). De acordo com o pesquisador, o país contabiliza mais de 30 mil novos casos de leishmaniose tegumentar por ano e cinco mil de leishmaniose visceral. Romero conta que no Brasil existem sete espécies de leishmania. Um deles provoca a forma visceral e seis a tegumentar. (HB)